

## DA SALA DE AULA À SALA DE CASA, UM OUTRO TEMPO, OU A PONTA DE UM MISTÉRIO: O ESTADO DA ARTE SOBRE O ENSINO-APRENDIZAGEM DE HISTÓRIA NA PANDEMIA

FROM CLASSROOM TO HOME ROOM, ANOTHER TIME, OR THE TIP OF A  
MYSTERY: THE STATE OF THE ART ON HISTORY TEACHING AND LEARNING IN  
THE PANDEMIC

*Adriana Silva Teles Boudoux\**

*Célia Santana Silva\*\**

### RESUMO

*Neste artigo apresentamos o estado da arte das publicações de relatos de experiência sobre o ensino de História no contexto da pandemia da Covid 19. Através de levantamento feito no Google Acadêmico, foram selecionados textos publicados de março de 2020 a junho de 2022. O objetivo foi identificar os principais temas e questões que preocuparam os/as docentes frente à implantação do ensino remoto emergencial imposto em todo o país. Os textos encontrados apontam os desafios enfrentados e os caminhos trilhados pelos/as professores/as, trazendo grandes contribuições para a reflexão sobre a aprendizagem histórica.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Ensino de História. Pandemia. Aprendizagem histórica.*

### ABSTRACT

*In this article we present the state of the art of publications of experience reports on the teaching of History in the context of the pandemic of the Covid 19. Through a survey was carried out on Google Scholar, texts published from March 2020 to June 2022 were selected. The objective was to identify the main themes and issues that concerned teachers with the implementation of emergency remote teaching imposed across the country. The texts found point out the challenges faced and the paths taken by the teachers, bringing great contributions to the reflection on historical learning.*

**KEYWORDS:** *Teaching History. Pandemic. Historical learning.*

Tudo, aliás, é a ponta de um mistério, inclusive os fatos. Ou a ausência deles. Duvida? Quando nada acontece há um milagre que não estamos vendo.

(Guimarães Rosa, *O espelho*, 1962)

---

\* Professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). E-mail: asteles@uneb.br.

\*\* Professora da Universidade do Estado da Bahia (Uneb). Doutora em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc). E-mail: cessilva@uneb.br.

A provocação de Rosa, citada na epígrafe acima, nos incita a caminhar por muitas veredas em busca de sons, batidas e melodias, pois, afinal, estamos atrás dos ritmos do tempo. O tempo, tão precioso para historiadores e historiadoras, ficou em suspenso. Por alguns momentos estancou e, mesmo ali, a primeira impressão foi de que nada aconteceu. Mas aconteceu. E nós vamos contar.

Em março de 2020, o planeta terra foi surpreendido pela pandemia da Covid 19, provocada por um vírus desconhecido, sorrateiro, veloz e com altos índices de letalidade. Assustadoramente, as diversas dimensões da vida humana foram afetadas. Os impactos dessa nova realidade nas sociabilidades, assim como na saúde física e mental, ainda vão levar muito tempo para que sejam dimensionados. Obrigada ao isolamento, a sociedade precisou encontrar novas formas de se relacionar e de se acomodar à vida, pois o que importava naquele momento era a sobrevivência. Com a perda das rédeas do tempo, muitos arranjos e rearranjos tiveram que ser feitos. A ideia inicial de que nada acontecia ou aconteceu durante a pandemia do novo Coronavírus aos poucos foi desmoronando, assim como a percepção de que o tempo parou. No Brasil, entre os anos de 2020 e 2021, quando mais vidas foram ceifadas pela Covid 19, cerca de 600 mil somente nesse período, presenciamos uma proliferação tão intensa de produção de *lives* e *podcasts* que ficou difícil acompanhar. Por meio de ambientes e redes virtuais, única forma de contato e de espaço para diálogo possível naquele momento, docentes de todos os cantos do país buscaram compartilhar medos, inseguranças, ideias, estratégias, desafios e perspectivas para enfrentar uma realidade para a qual ninguém havia se preparado.

Tornou-se notório o quanto este novo cenário impactou na Educação, tanto no ensino básico quanto no superior. Não apenas professores/as e alunos/as, mas também pais e mães, entre outros/as, puderam fazer esta constatação. Escolas foram fechadas, sendo implantado o ensino remoto emergencial, fazendo com que os índices de evasão aumentassem consideravelmente e os de aprendizagem despencassem.<sup>1</sup> Repercutindo na sociedade civil, o assunto se tornou pauta na mídia, preocupando autoridades e profissionais da área. Uma das principais queixas destes últimos, principalmente dos/as docentes, era o fato de não terem formação para esta modalidade de ensino. A despeito disso, as circunstâncias exigiram que se aprendesse fazendo, já que não havia tempo para formar primeiro e fazer depois e nem previsão de quando esta situação chegaria ao fim. A propósito, ainda não chegou, apesar de as aulas presenciais já terem sido retomadas. Diante deste cenário, os/as professores/as tiveram que se adequar às aulas remotas, fazendo uso de ferramentas digitais. Um grande desafio que precisou ser enfrentado, exigindo uma reinvenção do fazer docente que, do chão da escola, migrou para o chão da sala de casa, da lousa à tela do computador ou do celular. Uma pequena fração

---

1 Segundo levantamento feito pela Unicef, cerca de 1,8 milhão de crianças e adolescentes abandonaram a escola em 2020 no Brasil. A este respeito ver: FOSTER, P. Pandemia aumenta evasão escolar, diz relatório do Unicef. *CNN*, 28 jan. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/pandemia-aumenta-evasio-escolar-diz-relatorio-do-unicef/>. Acesso em: 28 jan. 2021

dessas experiências pode ser conhecida por meio dos compartilhamentos de relatos de experiência publicados em Anais de eventos e revistas eletrônicas disponibilizados/as na internet.

Neste artigo buscamos apresentar o estado da arte dessas publicações, tomando como objeto de estudo aquelas que versam sobre o ensino e a aprendizagem de História em tempos de pandemia. Para tal, usamos a plataforma *Google Acadêmico*, com vistas a alcançar o maior número possível de textos. A busca foi feita a partir do tema “ensino de história na pandemia”, sendo selecionados apenas os textos que fazem referência ao Ensino Fundamental II, ao Ensino Médio e às licenciaturas em História, publicados de março de 2020 a junho de 2022. Foram lidos os resumos e, quando da insuficiência destes, o texto completo, com o objetivo de identificar os desafios e as possibilidades colocados/as à aprendizagem histórica em tempos de pandemia.

### **APRENDIZAGEM HISTÓRICA, ALGUMAS VEREDAS**

Muito antes da pandemia, a preocupação com a aprendizagem histórica sempre foi uma constante entre professores/as de História, mobilizando estudiosos/as que têm se dedicado a fundo a esta questão, a exemplo de Flávia Caimi (2007) e Maria Auxiliadora Schmidt (2009), entre outros/as. Flávia Caimi (2007), ao questionar o porquê de crianças e adolescentes ainda não se identificarem com a História como disciplina escolar, afirma que não se trata de desinteresse, mas da impossibilidade de se alcançar a aprendizagem histórica por vias tradicionais, como a memorização de datas e fatos de uma História política, elitista, branca e linear, com a qual os/as estudantes não se identificam, uma vez que esta História desvaloriza as suas experiências de vida. Na contramão desta perspectiva, Caimi ressalta a necessidade de o/a professor/a aproximar o ensino de História da vida dos/as alunos/as, o que não significa submeter-se às suas escolhas, mas entrecruzar o interesse destes aos da aprendizagem histórica. Todavia, isto implica repensar a formação docente, uma vez que nesta, historicamente, tem-se privilegiado a formação do/a historiador/a, em detrimento da formação do/a professor/a. Embora a primeira seja importante, ela não é suficiente para a construção de uma aprendizagem histórica significativa. Assim, a estudiosa sublinha a necessidade de diálogo com os estudos da aprendizagem para que se possa compreender a construção de ideias e pensamentos. Dialogando com Piaget, Caimi afirma que um conhecimento se torna interessante na medida em que atende uma necessidade, sendo incorporado ao universo mental e prático da pessoa. Defende, ainda, que estabelecer estas relações possibilita às crianças a construção de conceitos, visto que elas estão em processo de transição entre o pensamento concreto e o abstrato.

A autora também chama a atenção para o excesso de conteúdos ministrados, prática que toma muito tempo e não implica necessariamente em aprendizagem. Mais importante do que isto é a construção de metodologias desafiadoras, participativas, dialogadas e cooperativas, que levem os/as jovens à construção do conhecimento para responder às questões que o mundo provoca, argumenta.

Por fim, para Caimi (2007), isto só é viável na medida em que os cursos de formação docente repensem os seus objetivos, uma vez que estes, desde os anos de 1960 e 1970, têm oscilado entre uma formação voltada para conhecimentos específicos da ciência histórica e/ou uma formação pedagógica de viés tecnicista. Concepções estas que passaram a ser questionadas nos anos de 1980 e de 1990, por profissionais da área que reivindicavam o fim das dicotomias e hierarquias entre a formação do/a historiador/a e a formação do/a professor/a. Desde então, cada vez mais, os/as pesquisadores/as do campo têm insistido no papel crítico e político do ensino escolar, o que só é possível através da formação do/a professor/a pesquisador/a e como intelectual crítico-reflexivo/a. Partindo destas perspectivas, Caimi defende que este intelectual não seria um técnico/a que reproduz conhecimento, mas um sujeito capaz de refletir, investigar e produzir saberes sobre seu trabalho. No entanto, para ela, não se trata da simples reflexão sobre a prática, mas da articulação entre os conhecimentos históricos e educacionais para conhecer os processos pelos quais se constrói tanto o conhecimento histórico acadêmico quanto o escolar.

Partindo de outras perspectivas, Maria Auxiliadora Schmidt (2009) também tem se dedicado a esta questão. Porém, leva em consideração a especificidade da cognição histórica que, segundo ela, deve se pautar no diálogo com a epistemologia da História. Schmidt compartilha das ideias do estudioso alemão Jörn Rüsen, pensando o aprendizado histórico na perspectiva da Didática da História e entrecruzando a Educação Histórica com a Teoria da História, porém sem confundi-las. Neste sentido, a autora defende a cognição histórica situada, cujo maior desafio seria o de instrumentalizar os/as alunos/as para a compreensão do processo por meio do qual o conhecimento histórico é construído. Ao mesmo tempo, com base nas ideias de Peter Lee, a estudiosa acata o que o britânico chama de *literacia histórica*, cuja finalidade é a compreensão dos métodos de produção do conhecimento histórico pelos/as estudantes, não para formar historiadores/as, mas para que possam pensar historicamente. Essa concepção está baseada em alguns princípios: uma visão multiperspectivada, ou seja, de que não há uma verdade sobre o passado, mas sim múltiplas interpretações, contribuindo para que os/as educandos/as se vejam como sujeitos do conhecimento, capazes de elaborar narrativas e interpretar a História; o entendimento da História como narrativa sobre o passado produzida a partir das questões do tempo presente, sendo constantemente ressignificada, com vistas a colaborar para a elaboração de argumentos e para busca de formas de intervenção social; a formação da consciência histórica como objetivo, possibilitando a orientação temporal, por meio da relação passado e presente, para construir alternativas futuras pautadas nos valores democráticos e de promoção dos direitos humanos. Tais aspectos articulam o que, para Schmidt, são as três dimensões da aprendizagem histórica e que são indissociáveis umas das outras: a experiência, a orientação e a interpretação. Processos que, interligados, levam à produção de ideias e sentidos históricos, fundamentais para a construção de identidades e para a formação de jovens críticos e atuantes na sociedade.

Em estudo mais recente, Flávia Caimi (2019) buscou também refletir sobre as especificidades da aprendizagem histórica ao discutir a progressão do conhecimento histórico. A autora sublinha que esta perspectiva não tem recebido a atenção necessária no Brasil. Salienta que, apesar de os/as jovens aprenderem a partir de diversos meios e experiências, é através da escolarização que ocorre o esforço consciente por parte dos/as agentes educativos/as. Neste aspecto, a progressão não significaria passagem de um nível a outro, mas a compreensão da formação e do desenvolvimento das ideias históricas, não apenas por meio da apropriação dos conteúdos substantivos, mas dos conceitos de segunda ordem. Processo este que envolve, segundo a autora, uma compreensão profunda do passado, o que só é possível por meio da atividade investigadora na sala de aula. Todavia, Caimi (2019) alerta que não há modelos que sirvam para todos/as alunos/as, já que estes têm experiências diferentes. A ideia de uma progressão do conhecimento histórico a partir da investigação é um caminho potente para que os/as professores/as possam entender os processos cognitivos para identificar o que os/as jovens/as sabem e o que ainda precisam saber. Tal modelo é útil, mas não pode ser tomado como universal, nem como camisa de força, devendo o/a docente estar atento às suas limitações e provisoriedade.

Como demonstram as autoras, a aprendizagem histórica é um fenômeno complexo, cujo alcance exige investigação e produção de conhecimento, tornando indispensável a orientação e auxílio do/a professor/a. Se na modalidade de ensino presencial estes/as já vivenciam inúmeros desafios em sua prática educativa, como passaram a lidar com os novos desafios da aprendizagem histórica quando as suas aulas foram deslocadas do chão da escola para a sala de casa? Que estratégias utilizaram para relacionar presente e passado, bem como para articular o ensino de História à vida dos/as estudantes? Como se deu a produção de conhecimento histórico escolar por meio do ensino remoto? Quais possibilidades foram construídas? As publicações localizadas através do Google Acadêmico podem nos dar pistas para pensar estas questões.

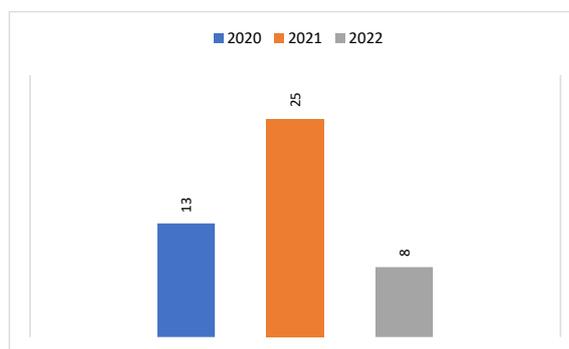
## **DA LOUSA À TELA**

Foram encontradas 46 publicações, 37 delas sobre experiências em atividades escolares, sendo sete destas no Estágio Supervisionado e duas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Não foram localizados estudos específicos sobre a aprendizagem histórica na graduação, exceto aqueles que dizem respeito ao Estágio Curricular ou a atividades das disciplinas de Metodologia e Prática de Ensino de História; apenas dois se debruçaram sobre o tema da formação continuada. Estes dados demonstram que o principal alvo das preocupações foi a educação escolar e o trabalho docente, deixando em aberto uma questão fundamental: como as licenciaturas em História enfrentaram o novo contexto e como ele impactou na formação dos/das futuros professores/as/historiadores. Quanto às demais experiências relatadas, seis trazem depoimentos de professores/as sobre ensinar História no contexto

pandêmico, mas sem abordar atividades pedagógicas específicas realizadas em sala virtual, e uma se debruçou sobre questões relativas ao cotidiano dos alunos/as no ambiente doméstico.

Apesar do número pequeno de textos encontrados (apenas 46), esses têm um peso considerável se levarmos em conta a sobrecarga do trabalho docente, intensificada durante o isolamento social. Essa sobrecarga é fruto das muitas lutas travadas no dia a dia desses/as profissionais em prol do reconhecimento da sua atividade como produtora de conhecimento. A maior parte das publicações ocorreram no ano de 2021, como pode ser visto no Gráfico 1:

Gráfico 1 – Número de publicações sobre ensino de História na pandemia, de janeiro de 2020 a junho de 2022.



Fonte: Elaborado pelas autoras a partir de levantamento no *Google Acadêmico*.

Se no primeiro ano, as publicações começaram a despontar, no ano seguinte, ou seja, um ano após o início da pandemia, praticamente dobraram. Tempo em que foi possível acumular certa experiência, dispor de fontes para estudo e para a construção de um olhar mais aprofundado sobre o que foi vivido. Talvez o fato de muitos eventos acadêmicos terem acontecido de forma remota tenha facilitado e favorecido esse crescimento. Entretanto essa redução no primeiro semestre de 2022 não significa a perda de interesse pelo tema. Com o avanço da vacinação, passado o momento crítico da pandemia, foi possível respirar e retornar às aulas e aos eventos presenciais, o que pode, em parte, explicar a queda nas publicações. Outro ponto que precisa ser sinalizado diz respeito às questões de gênero. Os textos, escritos em sua maior parte em coautoria, somam um total de 80 autores/as, dos/as quais 30 são homens e 50 são mulheres. O predomínio de mulheres não se explica apenas por ser o magistério uma atividade historicamente exercida por elas. É também um sinal de resistência. O que se nota é que, apesar das múltiplas jornadas de trabalho historicamente acumuladas e intensificadas pela transferência do trabalho para o ambiente doméstico, a produção feminina no campo de pesquisa aqui discutido manteve-se acima da produzida pelos dos homens.<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Esta constatação vale apenas para a produção aqui estudada e merece um estudo mais aprofundado, uma vez que estudos apontaram uma queda na produção acadêmica feminina na pandemia. A este respeito ver: BARRADAS, M. S. Pesquisa da UFRGS revela impacto das desigualdades de gênero e raça no mundo acadêmico durante a pandemia. *Jornal da Universidade, UFRGS*, 23 jul. 2020. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ciencia/pesquisa-da-ufrgs-revela-impacto-das-desigualdades-de-genero-e-raca-no-mundo-academico-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 10 jul. 2022.

No que diz respeito às temáticas e às questões dessas produções, principal foco deste artigo, elaboramos a tabela 1, na qual está computada a quantidade de publicações por tema e ano. Entretanto, para além dos números, buscamos interpretar esses dados, bem como comentar alguns textos para melhor entendimento dos desafios vivenciados e das possibilidades construídas pelos/as professores/as de História diante do novo cenário.

Tabela 1 – Número de textos por tema e ano de publicação.

Temas	2020	2021	2022	Total
Estágio		5	2	7
PIBID		1	1	2
Formação Continuada	1		1	2
Uso de tecnologias digitais no ensino remoto	5	7		12
Livros didáticos	1	1		2
Aprendizagem histórica	1	3		4
Narrativas	3	2	1	6
Cinema	1			1
Museus virtuais		1		1
Tempo presente	1	5	1	7
Ensino de História na Zona Rural			1	1
Estudo domiciliar			1	1
Total	13	25	8	46

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras a partir das publicações localizadas no *Google Acadêmico* entre janeiro de 2020 e junho de 2022.

O maior número de textos (12) foi sobre o uso de tecnologias digitais no ensino remoto de História, o que não surpreende, posto que este foi um dos grandes desafios vivenciados pelos/as docentes que, de forma repentina, tiveram que lançar mão do uso de plataformas virtuais para a transmissão das aulas, bem como das redes sociais, seja para se comunicar, seja para orientar e/ou auxiliar os/as estudantes. A este respeito, Izis Pollyanna Teixeira Dias de Freitas e Nallyne Celene Neves Pereira (2021), ambas professoras da rede pública estadual baiana, no texto “Ensino de História: o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da aprendizagem histórica”, lembram que se o uso das tecnologias na sala de aula já é desafiador, as atividades desenvolvidas durante a crise sanitária só foram possíveis através da utilização destes recursos. De acordo com as autoras, a rotina imposta durante esse percurso, exigiu muito mais da aula como espaço de interação e experimentação. Nessa perspectiva, o uso de jogos, assim como a utilização de plataformas, como o *Google meet*, e de redes sociais, como o *WhatsApp*, foram utilizados como instrumentos metodológicos, pois seus usos estavam a serviço da aprendizagem histórica. Afirmam que, apesar da onipresença destes recursos no espaço escolar, a necessidade irrevogável de seu uso configurou uma mudança de sentido e objetivo pois, à revelia das dificuldades, contribuíram para potencializar a autonomia dos/as estudantes quando estes/as conseguiam usá-los de modo significativo. Em segundo lugar, com sete textos, estão os trabalhos que abordam, especificamente, o estudo do tempo presente nas aulas de História, com destaque para a compreensão da própria pandemia, dos negacionismos, das *fake news*, e de temas sensíveis, como o racismo. Sobre este último, Robson Ferreira Fernandes (2021), em “Muito mais do que uma

hashtag, vidas negras importam: ensino de História e pandemia”, relata uma experiência realizada em turmas do Ensino Fundamental II sobre os impactos do racismo no Brasil e no mundo, a partir do movimento “vidas negras importam”, reacendido pelo assassinato de um homem negro, George Floyd, por um policial branco, nos Estados Unidos, no ano de 2020. Segundo o autor, a atividade envolveu a leitura de textos sobre a colonização da América e a escravização dos africanos no período moderno; o uso de vídeos e discussões sobre questões relativas ao racismo e à violência racial, ressaltando casos brasileiros como o do menino Miguel no Recife e da menina Agatha no Rio de Janeiro, entre outros; e a produção de imagens artísticas sobre o assunto.

Segundo Fernandes, o trabalho realizado propiciou a autonomia, a criatividade e a leitura crítica dos/as estudantes sobre o tema proposto. Mas não sem conflitos. Ele conclui relatando uma denúncia feita por uma mãe insatisfeita com a avaliação da filha que defendia a ideia de que todas as “vidas importam”. A queixa foi julgada improcedente, visto que todo o trabalho do professor estava fundamentado em documentos legais e em um planejamento cuidadoso. Além de compartilhar uma experiência exitosa, o relato mostra a importância de estarmos preparados/as para situações como esta quando tocamos em questões sensíveis. Também em segundo lugar, com sete publicações, estão os relatos que se debruçam sobre experiências no Estágio Supervisionado, a exemplo do texto “Estágio obrigatório não presencial no ensino de História: inquietações de estudantes antes e durante a pandemia do novo coronavírus (UFMS/CPTL, 2017-2020)”, de Cíntia Lima Crescêncio (2021). Refletindo sobre as preocupações dos estagiários(as) do Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas (CPTL), antes e durante a pandemia do novo Coronavírus, a autora ressalta que a suspensão das atividades presenciais e dos estágios obrigatórios provocou, entre estudantes e orientadores/as, um amplo debate. Utilizando os relatórios dos/as estagiários/as e os documentos elaborados pela Comissão criada para gerenciar o Estágio, Crescêncio afirma que este componente passou por um processo de valorização por parte dos/as licenciandos/as daquela instituição. Segundo ela, isto foi evidenciado principalmente por conta da preocupação demonstrada pelos/as alunos/as frente à qualidade das suas experiências e, também, dos impactos das atividades práticas não presenciais em sua futura atuação profissional. A autora finaliza afirmando que houve uma crescente compreensão do ofício do/a professor/a como exercício de prática e reunião de saberes múltiplos, entendimento que, talvez, tenha sido acelerado pelo difícil contexto imposto pela suspensão das atividades presenciais.

Em terceiro lugar, em número de seis, estão a produção, coleta e estudo de depoimentos de professores/as e estudantes, suas memórias e/ou impressões sobre o vivido. Neste sentido, chama a atenção o texto “Vozes docentes: lugar de escuta em tempos de pandemia”, de Rogério Rosa Rodrigues (2020). Nele, são apresentados cinco relatos de professoras da Educação Básica do estado de Santa Catarina que participaram do projeto “Relatos de quarentena”, uma produção do Laboratório de Som e

Imagem (LIS) da Universidade do Estado de Santa Catarina. Por meio destes relatos, as docentes expõem as questões de gênero, classe e raça que acompanham as suas respectivas trajetórias de vida e de seu trabalho, cujas angústias e dilemas se acirraram na pandemia. Assim, denunciam a sobrecarga a que foram submetidas as professoras ao transformarem o lar em ambiente de trabalho, se revezando entre as aulas *on line*, os cuidados com a família e os afazeres domésticos. Ressaltam, também, as desigualdades sociais como um dos agravantes, posto que muitos/as alunos/as não possuem acesso à internet, computadores e até mesmo aparelhos de celular.

Sobre os estudantes, destaca-se o artigo intitulado “Ensino de História em tempos de pandemia: percepções e narrativas de estudantes da Educação Básica de Goiás, Brasil”, de Cristiano Nicolini e Maria da Conceição Silva (2022). A partir de pesquisa realizada utilizando o *Google Forms*, os/as autores/as identificaram as ideias históricas do público escolar daquele Estado sobre a pandemia da Covid 19. Com base nos pressupostos da Educação Histórica, identificaram quatro formas narrativas produzidas por eles/as: aquelas que desvinculam o presente do passado, vendo este último como algo fixo; as que não relacionam as temporalidades, mas problematizam o presente; as que veem o presente como continuidade do passado; e, por fim, as que articulam todas as temporalidades, identificando rupturas e permanências. Os/as pesquisadores/as concluíram que as percepções e ideias históricas identificadas sobre o acontecimento foram plurais.

Em quarto lugar, com quatro textos, estão os trabalhos que têm como foco principal a aprendizagem histórica no cotidiano das aulas remotas, a exemplo do artigo “Aprendizagem histórica em contexto de pandemia”, de Flávia Caimi e Letícia Mistura (2021). Objetivando discutir os efeitos do ensino remoto nas intencionalidades da História escolar, as autoras constroem suas análises a partir da cena de uma aula ministrada via *Google Meet* por uma professora da rede pública de uma cidade do Rio Grande do Sul. Com base nas observações realizadas, inferem que muito se perde com a interdição da aula presencial e, também, com a ausência de interação virtual qualificada. Para elas, a realidade da educação brasileira, já tão diversa e desigual, potencializa esse cenário ao determinar a obrigatoriedade do cumprimento pelas escolas de atividades virtuais em direta equivalência às presenciais, sem considerar as particularidades regionais e tampouco a acessibilidade de docentes e estudantes a equipamentos de informática e a redes de comunicação. A partir da indagação sobre o que é uma aula de História, as autoras afirmam que ela envolve a presença do/a professor/a e dos/as alunos/as, no espaço delimitado da sala de aula. Na pandemia, com a transferência para os ambientes virtuais, esses elementos físicos se fragmentaram, impossibilitando a coexistência daqueles sujeitos no mesmo espaço físico em tempo real.

Em penúltimo lugar, foram localizadas duas publicações sobre o PIBID, duas sobre o Livro Didático de História e duas sobre formação continuada. Sobre o primeiro, sublinhamos o relato nomeado “Experiências do PIBID/UNESC em tempos de pandemia e o ensino remoto”, de Patrick Dutra, Livia Pereira Mendes, Michele Gonçalves Cardoso e Adriana Fraga Vieira (2021). Neste, os/as

autores/as, bolsistas/as do PIBID na Universidade do Extremo Sul Catarinense, afirmam que, apesar das limitações impostas, houve continuação das atividades, sobretudo através de discussões de textos e elaboração de planos de intervenção. Sobre os Livros Didáticos, ressaltamos o escrito “Olhando a medusa pelo reflexo do espelho: as imagens das pandemias nos manuais didáticos de história”, de Paulo Tamanini e Ana Moraes (2021), que, analisando imagens de livros selecionados, apontam a violência como um dos fenômenos comuns nas representações imagéticas das epidemias presentes nos manuais de História. Por fim, em sexto e último lugar, mas não menos importante, estão os trabalhos sobre experiências pedagógicas com o uso do cinema e visitas a museus virtuais e sobre os impactos do estudo domiciliar e da pandemia na zona rural. Estes tiveram apenas uma publicação cada. Destacamos o relato intitulado “Estamos trocando o pneu com o carro andando: educação escolar e ensino de história no meio rural em São Luiz do Paraitinga (SP) durante uma pandemia”, de Laís Charleaux (2022). Com o intuito de salvar o ano letivo, secretarias de educação, tanto da rede municipal quanto da rede estadual de ensino, buscaram e encontraram como alternativa para continuar o ano letivo o ensino remoto via *Whatsapp*, que previa que os/as estudantes poderiam tirar dúvidas e enviar atividades. Mas tal opção não contemplou a todos/as. Segundo a fala de uma professora de História entrevistada pela autora, “há relatos frequentes de alunos que precisam subir em morros, procurar lugares mais altos ou andar quilômetros para ter acesso ao sinal da rede. Com isso, há alunos alheios às atividades e sem contato com a escola” (CHARLEAUX, 2022, p. 6). Este depoimento traduz, em linhas gerais, o impacto da pandemia na educação dos/as moradores/as da zona rural. Como aponta Charleaux (2022), que apresenta dados do censo do IBGE de 2010, aproximadamente 15% da população brasileira reside em áreas rurais, o que significa um descompasso em relação às políticas educacionais destinadas a essas comunidades, historicamente relegadas a segundo plano.

As experiências compartilhadas por meio das publicações aqui explicitadas desmentem a ideia de que nada aconteceu. Ao contrário, como ficou demonstrado pelos relatos produzidos pelos/as docentes, muito foi feito. No conjunto, essas produções constituem um material valioso, visto que, pelo fato de a aula ser uma atividade predominantemente oral, grande parte do que é feito em sala, seja ela física ou virtual, não pode ser recuperado. Assim, os relatos dão a ver as formas como os/as docentes vivenciaram e interpretaram os processos vividos, contribuindo sobremaneira para os estudos da aprendizagem histórica não apenas em cenário adversos, mas em quaisquer circunstâncias. Eles mostram que, apesar das dores provocadas pelo sentimento de luto coletivo, pela solidão provocada pelo isolamento social, bem como pelo excesso de trabalho, nem só de lamento viveram os/as professores/as diante da pandemia e do ensino remoto.

## CONSIDERAÇÕES (PARA ADIAR O FIM)

As discussões trazidas pelos relatos apresentados, através deste estado da arte, são indispensáveis para a construção de estratégias de ensino-aprendizagem histórica a partir das experiências vividas. Mas não só. Elas evidenciam a urgência de levar o conhecimento produzido para o campo da formação docente, ampliando o diálogo com os/as professores/as da Educação Básica. Estes têm muito a contribuir com a sua experiência. O que se fez aqui foi apenas a mostrar a “ponta de um mistério”. Há ainda muito a ser pesquisado sobre o ensino de História nestes últimos anos em que a vida pareceu estar por um triz. A pandemia, além de escancarar as desigualdades sociais, expôs a necessidade de repensarmos o nosso modo de vida.

Estudiosos tem afirmado que a crise ambiental, fruto do sistema econômico extrativista, sob o qual vivemos, que se sustenta no consumismo exacerbado, cuja reprodução exige a exploração sem limites da natureza, pode ter desencadeado o surgimento do novo coronavírus. Assim, alertam que, ou paramos este processo de autodestruição, ou iremos sucumbir. Em “Ideias para adiar o fim do mundo” o indígena Ailton Krenak (2019) nos faz uma provocação, afirmando que se não é possível evitar o fim do mundo, é possível adiá-lo, a partir da construção de relações mais solidárias e respeitadas das pessoas entre si e com a natureza. Que as experiências vividas no campo da Educação na pandemia possam contribuir para uma mudança de mentalidade em que o sentimento de coletividade não seja o fim, mas o começo de um outro tempo, de uma outra história, em que o sobreviver dê lugar ao viver.

## REFERÊNCIAS

CAIMI, F. Por que os alunos (não) aprendem História? Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Tempo*, v. 11, n. 21, p. 17-32, 2007.

CAIMI, F. Progressão do conhecimento histórico. In: FERREIRA, M. de M.; OLIVEIRA, M. M. D. de (coord.). *Dicionário de Ensino de História*. Rio de Janeiro: FGV, 2019. p. 209-213.

CAIMI, F.; MISTURA, L.; MELLO, P. Aprendizagem histórica em contexto de pandemia. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 37, p. 9-23, 28 jul. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uffs.edu.br/index.php/FRCH/article/view/12463/7981>. Acesso em 08 jul. 2022.

CHARLEAUX, L. A. F. Estamos trocando o pneu com o carro andando: educação escolar e ensino de História no meio rural em São Luiz do Paraitinga (SP) durante uma pandemia. *Humanidades em Diálogo*, v. 11, p. 156-170, 2022. Disponível em DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-7547.hd.2022.177344>. Acesso em 9 jul. 2022

CRESCÊNCIO, C. L. Estágio obrigatório não presencial no Ensino de História: inquietações de estudantes antes e durante a pandemia do novo coronavírus (UFMS/CPTL, 2017-2020). *História & Ensino*, v. 27, n. 1, p. 8-28, jan.-jun. 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/42634/30111>. Acesso em: 7 jul. 2022.

DUTRA, P.; MENDES, L. P.; CARDOSO, M. G.; VIEIRA, A. F. Experiências do PIBID/UNESC em tempos de pandemia e o ensino remoto. *Linguagem, Ensino e Educação*, Criciúma, v. 5, n.2, p. 65-76, jul.-dez. 2021. Disponível em: <https://periodicos.unesc.net/ojs/index.php/lendu/article/view/6882/6139>. Acesso em 09/09/2022.

FERNANDES, R. Muito mais do que uma hashtag, vidas negras importam: ensino de História e pandemia. *Palavras ABEHrtas*, n. 2, ago. 2021. Disponível em: <https://docplayer.com.br/220576909-Muito-mais-do-que-uma-hashtag-vidas-negras-importam-ensino-de-historia-e-pandemia-robson-ferreira-fernandes-1.html>

FREITAS, I. P. T. D. de; PEREIRA, N. C. N. Ensino de História: o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da aprendizagem histórica. *Ensino Em Perspectivas*, v. 2, n. 2, p. 1–16, 2021. Recuperado de <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4947>. Acesso em set. 2021.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

NICOLINI, C; SILVA, M. da C. e. Ensino de História em tempos de pandemia: percepções e narrativas de estudantes da Educação Básica de Goiás, Brasil. *CLIO: Revista de Pesquisa Histórica*, Recife, v. 40, p. 6-25, jan-jun, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/251066>. Acesso em 06 jul. 2022.

RODRIGUES, R. Vozes docentes. *Fronteiras: Revista Catarinense de História*, n. 36, p. 224-251, 18 dez. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.edu.br/index.php/FRCH/article/view/11886/7603>. Acesso em 08 jul. 2022.

ROSA, J. G. O espelho. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: livraria José Olympio Editora, 1962. p. inicial-final

SCHMIDT, M.; A. Cognição histórica situada: que aprendizagem histórica é esta? In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel (org). *Aprender História: perspectivas da educação histórica*. Ijuí: Ed. Unijui, 2009, p. 21-51.

TAMANINI, P. A.; de Moraes, A. M. Olhando a medusa pelo reflexo do espelho: as imagens das pandemias nos manuais didáticos de história. *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, Mossoró, v. 7, n. 21, p. 334-350, jun. 2021. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:fWNDThxJBOIJ:periodicos.apps.uern.br/index.php/RECEI/article/download/3167/2689+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 10 jul. 2022.

Data de submissão: 10/07/2022  
Data de aprovação: 06/10/2022

Copyright (c) 2022 politeia



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).